

Educomunicação: um campo em construção – Reflexões sobre os trabalhos apresentados no XIV e XV Encontro Paranaense de Educação Ambiental

Educommunication: a build in field – Reflections on the papers presented at the XIV and XV Paranaense Meeting of Environmental Education

Josmaria Lopes de Morais^{1(*)}
Solange Reiguel Vieira²

Resumo

Este relato resulta de uma pesquisa cujo objetivo foi analisar os trabalhos apresentados durante a realização do XIV e XV Encontro Paranaense de Educação Ambiental (EPEA), no Eixo Temático *Educação Ambiental, Mídias e Educomunicação*, e compreender de que modo a Educomunicação tem sido concebida por seus autores. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, realizado a partir de uma pesquisa teórico-bibliográfica nos Anais dos Eventos e em publicações relacionadas à Educação Ambiental e Educomunicação. Os trabalhos pesquisados foram submetidos a uma análise de conteúdo utilizando a metodologia proposta por Laurence Bardin. Foi possível verificar que os trabalhos são bastante heterogêneos no que diz respeito à abordagem da Educomunicação, não sendo possível, em vários casos, entender a representação social do tema e os conceitos utilizados pelos autores. Essas questões indicam que os trabalhos apresentados não esclarecem o conceito de Educomunicação. Diante de tais dados, entende-se que o motivo é que a Educomunicação, além de ser um campo relativamente novo, traz em si uma dimensão complexa. Os resultados evidenciam a necessidade de ampliar o conhecimento sobre o potencial deste campo, bem como incentivar o desenvolvimento de pesquisas e práticas pedagógicas entrelaçando a Educomunicação com a Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educomunicação; Mídias; Educação Ambiental; EPEA.

Abstract

-
- 1 Dra.; Química; Professora do Programa de Pós Graduação em Ciência e Tecnologia Ambiental da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Endereço: Rua Deputado Heitor Alencar Furtado, 4900 - Bloco C, Cidade Industrial, CEP 81280340. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: jlmorais@utfpr.edu.br (*) Autor para correspondência.
 - 2 MSc.; Geógrafa; Mestre em Ciência e Tecnologia Ambiental pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Professora Colégio Estadual Ivo Leão; Endereço: Rua Nossa Senhora da Cabeça, 1183, Cidade Industrial, CEP: 81310010. Curitiba, Paraná, Brasil; E-mail: solgeografia@gmail.com

Recebido para publicação em 17/10/2016 e aceito em 27/10/2017

This work results from a survey to analyze the papers presented at the XIV and XV Paranaense Meeting on Environmental Education (EPEA) in the thematic axis "Environmental Education, Media and Communications Education" aimed at understanding how its authors have conceived Educommunication. This is a qualitative study, carried out from a theoretical and bibliographical research in the Annals of events and publications related to Environmental Education and Educational Communication. The works studied content analysis using methodology proposed by Laurence Bardin. It was possible to verify that the work is very heterogeneous to the approach of Educational Communication; it is not possible in many cases, to understand the social representation of the theme and concepts used by the authors. These questions indicate that the works presented do not clarify the concept of Educational Communication. It is understood that the reason is that Educational Communication is a relatively new field, with inter- and transdisciplinary approach, which brings a complex dimension. The results show the need to increase knowledge about the potential of this field, as well as encourage the development of research and teaching practices intertwining Educommunication with Environmental Education.

Keywords: Educommunication; Media; Environmental Education; EPEA.

Introdução

O Encontro Paranaense de Educação Ambiental (EPEA) é um dos eventos mais significativos para o fortalecimento do campo da Educação Ambiental (EA) no estado do Paraná, sendo que seus resultados têm refletido de forma positiva, tanto no contexto estadual como no nacional.

Planejado e realizado sob a responsabilidade de instituições locais, os EPEAs iniciaram em 1998, com a função de se tornarem fóruns de discussão sobre o desenvolvimento da Educação Ambiental no Paraná. A partir de 2009 esses eventos passaram a ser bianuais, reunindo profissionais que atuam no estado e demais regiões do país, bem como no exterior. O evento tem o objetivo de debater e buscar encaminhamentos para os temas relevantes nessa área, destacando-se

o pluralismo de ideias e a construção participativa, nos quais os diferentes segmentos e linhas da Educação Ambiental são representados, atraindo um número significativo de participantes em cada edição. O EPEA já está consolidado como um encontro científico e fórum de discussão da área de EA no Paraná e no Brasil e tem recebido um número expressivo de inscritos, entre professores, pesquisadores, profissionais da área e estudantes, representando diversos segmentos sociais.

O Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), do Ministério do Meio Ambiente, criado em 1999, que teve suas diretrizes publicadas inicialmente em 2003, propõe, por esse documento (BRASIL, 2005, p.33), a necessidade de "assegurar a interação e integração das múltiplas dimensões da sustentabilidade ambiental [...]", contribuindo para o desenvolvimento do país, contando com a participação da sociedade, na

proteção e na recuperação, e buscando a melhoria das condições ambientais e da qualidade de vida.

Como linhas de ação e estratégias do ProNEA, foram citadas: (1) Gestão e planejamento da Educação Ambiental no país; (2) Formação de educadores e educadoras ambientais; (3) Comunicação para a educação ambiental; (4) Inclusão da educação ambiental nas instituições de ensino; (5) Monitoramento e avaliação de políticas, programas e projetos de educação ambiental.

A dimensão pedagógica dos processos comunicativos associados à questão ambiental que, na perspectiva do ProNEA, deve estar presente em conteúdos e práticas desenvolvidas pelos educadores ambientais, passou a ser discutida inclusive em termos de conceitos e aplicações. No documento *Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação, MMA* (BRASIL, 2008), o conceito de Educomunicação citado é o apresentado por Tassara (2008), sendo:

Educomunicação é um processo de comunicação com intencionalidade educacional expressa que envolve a democratização da produção e da gestão da informação nos meios de comunicação em seus diversos formatos, ou na comunicação presencial. Educomunicação pode ser definida também nas práticas educativas que visam levar à apropriação democrática e autônoma de produtos de comunicação, por meio dos quais os participantes passam a exercer seu direito de produzir informação e comunicação

comunicação (TASSARA, 2008, p. 80).

Dada a importância da 3ª linha do ProNEA, denominada Comunicação para a Educação Ambiental, as discussões acerca do conceito de Educomunicação, bem como de sua importância em práticas de Educação Ambiental a Educomunicação, foi incluída entre os dezesseis eixos temáticos do XII EPEA (realizado em 2009). No XIII EPEA, realizado em 2011, foram definidos oito eixos temáticos, sendo que o termo Educomunicação não esteve presente, mas apresentou um eixo temático denominado Educação e Mídias. Nos eventos de 2013 (XIV EPEA, realizado na cidade de Cascavel) e 2015 (XV EPEA, realizado na cidade de Guarapuava) a Educomunicação voltou a fazer parte de um dos oito eixos temáticos.

Para este estudo foi realizada uma análise qualitativa dos trabalhos apresentados no Eixo Temático *Educação Ambiental, Mídias e Educomunicação*, do XIV e no XV Encontro Paranaense de Educação Ambiental, com o intuito de conhecer os objetivos dos trabalhos realizados, os produtos educacionais desenvolvidos, bem como o público ao que se destinaram. Além disso, buscou-se analisar as representações dispostas sobre o conceito de Educomunicação e as possíveis contribuições dos trabalhos para o campo da Educação Ambiental.

Educomunicação

A sociedade contemporânea está permeada pelos meios de comunicação e pelas novas

tecnologias, o que traz significativas mudanças nas relações sociais e nas formas de compreensão do mundo. A emergência de uma sociedade midiática implica dizer que a nossa rotina de trabalho, as relações familiares, os encontros com os amigos, a escola, estão cruzados pelas tecnologias da comunicação.

Nos últimos tempos, as tradicionais formas de socialização – escola e família – vêm se confrontando com a intensa presença dos meios de comunicação, que podem ser considerados como outra agência de socialização. Com isso, de acordo com Baccega (2011, p.31), ocorre um “embate permanente pela hegemonia da formação de valores dos sujeitos, buscando destacar-se na configuração dos sentidos sociais”. Essa disputa constitui o campo da comunicação/educação que pode ser entendido como um campo de diálogo, convergências e possibilidades ou, ainda, um campo de disputas.

No entanto, não há retorno possível, uma vez que a realidade da intensificação da comunicação tem que ser enfrentada nesse desafio complexo de construir o campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar as práticas de formação de sujeitos conscientes. Para Baccega (2011, p.33) “há que reconhecer os meios de comunicação como outro lugar do saber, atuando juntamente com a escola e outras agências de socialização”.

A interface comunicação/educação mais comum é a utilização dos meios de comunicação no processo formal de ensino. Os novos dispositivos tecnológicos trazem para o seio da

sociedade o princípio da velocidade, eliminam-se as fronteiras, hibridizam-se os conceitos, o tradicional se mistura com o virtual, numa realidade marcada por avanços e também retrocessos (VALÉRIO, 2012).

Os estudos referentes à interface comunicação/educação datam de algumas décadas. Nos Estados Unidos tiveram início com o surgimento da televisão, nos anos 1930 (SOARES, 2011a). No Brasil os primeiros estudos referentes à interface comunicação/educação podem ser relacionados com a obra de Edgar Roquette-Pinto (1884-1954). Embora as primeiras transmissões de rádio tenham ocorrido em 1922, de acordo com Venâncio Filho (1999), já em 1923 Roquette-Pinto iniciou o processo de criação da primeira rádio educativa no Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com fins científicos e sociais, ligada à Academia Brasileira de Ciências. No entanto, os programas de educação popular através da radiodifusão foram concretizados, de forma mais efetiva, apenas na década de 1960. Essas propostas de cursos e programas utilizavam o rádio como canal de comunicação com a finalidade de instruir/educar a população. São exemplos o Movimento de Educação de Base (MEB) e o Projeto Minerva. O intuito do Projeto Minerva, transmitido pela Rádio MEC, contando com apoio de material impresso, era proporcionar a interiorização da educação básica, buscando suprir as deficiências que existiam na educação formal em regiões onde o número de escolas e de professores era insuficiente (VENÂNCIO FILHO, 1999). No documento Manifesto dos

Pioneiros da Educação Nova, de 1932, consta como proposta também a utilização do rádio para fins educativos.

A obra de Roquete-Pinto foi citada como sendo uma das primeiras “experiências” nacionais em que os meios de comunicação também contribuíram com o ensino e a aprendizagem. No entanto, estudos conduzidos com o propósito de buscar entender as inter-relações entre os campos da Comunicação e da Educação foram iniciados nas décadas de 30 e 40 motivados pelas inquietudes geradas pela expansão técnica e tecnológica vivenciada nas últimas décadas.

Desde a década de 80 as novas tecnologias e o desenvolvimento de novas formas de comunicação têm permitido novas formas de produção, circulação e recepção do conhecimento, o que tem influenciado o modo como as ciências da educação e da comunicação vêm se relacionando com nossas vidas. Para Citelli (2011) “já não é mais possível falar em educação sem pensar em comunicação”, de modo que tratar de forma socialmente responsável de rádio, televisão, jornal, Internet, e, enfim, de mensagens midiáticas, implica estar atento às questões educacionais.

A partir dos anos 1980 passou a existir a educação para a recepção dos produtos midiáticos e essa prática era genericamente definida, inclusive pela Unesco, como *Média Education*. De acordo com Valério (2012), a questão da educação relacionada com meios de comunicação tem sido empregada, há pelo menos 40 anos, por diversos centros de educação popular, por organizações não governamentais voltadas para a comunicação

alternativa, bem como por indivíduos engajados em programas de prática comunicativa e prática educativa, principalmente em torno dos direitos humanos (VALÉRIO, 2012).

Uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo revelou a perspectiva de várias vertentes de atuação no campo da Educomunicação. Soares (2011a, p.25) considera que a Educomunicação como campo “[...] estrutura-se de um modo processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciada na prática dos atores sociais, através de áreas concretas de intervenção social”.

O campo da inter-relação comunicação/educação se manifesta em algumas áreas de intervenção social, tais como (SOARES, 2011a):

a) **A área da educação para a comunicação**, constituída pelas reflexões em torno do lugar ocupado pelos meios de comunicação na sociedade, assim como pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios (*Media Education ou Media Literacy*). Os estudos de recepção são exemplos desta área (LOPES, 2011).

b) **A área da mediação tecnológica nos espaços educativos**, compreendendo os procedimentos e as reflexões em torno da presença e dos múltiplos usos das tecnologias da informação na educação. Esta área tem a tecnologia da informação e seus múltiplos usos como aliados para a acessibilidade e a gestão democrática das

diversas formas do saber. De acordo com Soares (2011a) essa área vem ganhando grande exposição devido à rápida evolução das descobertas tecnológicas.

c) **A área da gestão da comunicação no espaço educativo** voltada para o planejamento, execução e realização dos processos e procedimentos que se articulam no âmbito da comunicação/cultura/educação, criando ecossistemas comunicacionais. Soares (2011a, p.26) salienta que a gestão da comunicação nos espaços educativos produz-se “tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais, quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não formais de educação, como, por exemplo, emissoras de rádio e televisão educativas”.

d) **A área da reflexão epistemológica** sobre a interrelação comunicação/educação como fenômeno cultural emergente. Dedicase à sistematização de experiências “e ao estudo do próprio fenômeno constituído pela inter-relação entre educação e comunicação, mantendo atenção especial à coerência entre teoria e prática” (SOARES, 2011a, p.27). De acordo com Citelli (2011, p. 60), a Educomunicação no plano epistemológico “é voltada a indagar acerca de possível novo campo reflexivo e interventivo resultante dos encontros, desencontros, tensões, entre processos comunicacionais e a educação”.

Cada uma dessas áreas tem sido tradicionalmente assumida como espaço vinculado ao domínio, quer da educação, quer da comunicação. Defendemos que cada uma dessas

áreas e seu conjunto sejam pensados e promovidos a partir da perspectiva da Educomunicação (SOARES, 2011a). As proposições dos pesquisadores em Educomunicação estão de acordo com a pedagogia de Paulo Freire, apresentada no livro *Extensão ou Comunicação*, editado na década de 1980. Para Freire (1985, p. 46) “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado”. Os delineamentos do campo da Educomunicação deixam de ser dados apenas pelos apelos, certamente necessários, de se introduzirem os meios e as novas tecnologias na escola e se expandem para um ecossistema comunicativo. Para Citelli (2011) esse sistema passou a ter papel decisivo na vida de todos nós, propondo valores, ajudando a constituir modos de ver, perceber, sentir, conhecer, reorientando práticas, configurando padrões de sociabilidade.

Para Soares (2014, p.24) há necessidade de “[...] unir forças para ampliar os espaços de negociação, especialmente com as políticas públicas, ainda resistentes em entender a importância de se tomar a mídia e a comunicação objetos de consideração no trabalho educativo”. Nesse sentido, a educação escolar precisa “[...] incorporar mais as novas linguagens, [...] desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. [...] Urge também a educação para as mídias, compreendê-las, criticá-las e utilizá-las da forma mais abrangente possível” (MORAN,

2007,p.165).

Educação Ambiental e Educomunicação

As questões ambientais atuais situam-se entre aquelas que desafiam a sociedade atual em geral e a educação é chamada para contribuir com o enfrentamento dos graves problemas decorrentes da degradação do ambiente em que vivemos. A educação em geral e a Educação Ambiental em particular não têm a pretensão de resolver esses impasses, mas têm a pretensão de “instigar questionamento sobre as nossas relações com a natureza e com a sociedade em que vivemos” (REIGOTA,2011,p. 145).

Diante dos desafios da sociedade e da escola, a EA se apresenta como um instrumento de transformação social, pelo seu papel transformador e emancipatório, caracterizada “como um fenômeno social complexo que tem como desafio a construção de um saber ambiental, articulado e inseparável de um esforço fundamental reflexivo e interdisciplinar, pautado na complexidade socioambiental” (MORALES, 2009,p.23).

Para Jacobi (2005, p. 233), a Educação Ambiental deve ter como horizonte “a transformação de hábitos e práticas sociais e a formação de uma cidadania ambiental que os mobilize para a questão da sustentabilidade no seu significado mais abrangente”. Entende-se, então, que os processos educativos são essenciais para impulsionar as transformações necessárias para a sobrevivência da sociedade.

Nesse contexto, a Educação Ambiental surge como uma dimensão essencial da educação, entendida como um modo de pensar e fazer uma educação para a mudança social, visando a construção de uma sociedade sustentável e de responsabilidade compartilhada, conectada com os saberes e práticas sociais que reivindicam um pensamento global e uma ação local (CARIDE; MEIRA,2005). Para Loureiro (2012) a EA, como campo de estudo, tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes. Michele Sato (2003, p. 24) acrescenta que esse campo de estudo “está relacionado com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida”.

A EA trata da relação entre sociedade e ambiente, incide sobre os sujeitos, por meio do processo educativo, e se inscreve dentro de um processo de transformação de mentalidades e atitudes para inventar e construir um mundo sustentável (LEFF, 2012). Para alcançar a sustentabilidade almejada é necessário a realização de uma ação educativa plena, integral e articulada a outras esferas da vida social para que se consolidem iniciativas capazes de mudar o modelo atual de sociedade”(LOUREIRO,2012).

Nos últimos anos, a EA tem se apresentado “como um grande potencial de vínculo entre a escola e a sociedade, contribuindo para a compreensão da complexidade de elementos que compõem a relação ambiente e sociedade” (TORALES, 2013, p.10). Também tem buscado potencializar os processos participativos para o desenvolvimento de projetos e práticas. Esses

processos contribuem para o fortalecimento das relações entre escola e comunidade, pois “[...] necessitamos da dinâmica coletiva entre os atores sociais da EA, que são professores, animadores, coordenadores, investigadores, para essa dinâmica reflexiva que nos permitirá ir mais além” (SAUVÉ, 2012, p.85).

Tendo em vista que uma das demandas do campo da Educação Ambiental consiste no desenvolvimento de procedimentos e de abordagens teórico-metodológicas que efetivem as dimensões “pesquisa em EA” e “ação em EA” argumentamos que a Educomunicação pode ser um campo de ação de grande interesse para o desenvolvimento da EA.

Nesse contexto, Mídias e Educomunicação são campos que também se associam à EA por meio de processos comunicativos denominados como pertencentes ao campo da Educomunicação Socioambiental, como um conjunto de ações e valores que correspondem à dimensão pedagógica, sendo caracterizados por:

Processos comunicativos ambientais, marcados pelo dialogismo, pela participação e pelo trabalho coletivo. A indissociabilidade entre questões sociais e ambientais no fazer-pensar dos atos educativos e comunicativos é ressaltada pelo termo socioambiental. A dimensão pedagógica, nesse caso em particular, tem foco no “como” se gera os saberes e “o que” se aprende na produção cultural, na interação social e com a natureza. (BRASIL, 2008, p.10).

Conforme já mencionado, em atendimento a Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999), a Educomunicação é uma linha de ação do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), que trata da articulação das ações de comunicação para a Educação Ambiental, visando proporcionar meios interativos e democráticos para que a sociedade possa produzir conteúdo e disseminar conhecimentos através da comunicação ambiental voltada para a sustentabilidade.

Nos últimos anos a expressão Educomunicação Socioambiental vem ganhando espaço no campo da Educação Ambiental. De acordo com ProNEA (BRASIL, 2005):

Refere-se ao se ao conjunto de ações e valores que correspondem à dimensão pedagógica dos processos comunicativos ambientais, marcados pelo dialogismo, pela participação e pelo trabalho coletivo. A indissociabilidade entre questões sociais e ambientais no fazer-pensar dos atos educativos e comunicativos é ressaltada pelo termo socioambiental. A dimensão pedagógica, nesse caso em particular, tem foco no “como” se gera os saberes e “o que” se aprende na produção cultural, na interação social e com a natureza (BRASIL, 2005).

Assim, a Educomunicação Socioambiental tem como principais objetivos a produção e a geração da comunicação participativa, que permitem o fortalecimento de uma ação educadora visando a sustentabilidade. A

Educomunicação trabalha a partir de uma perspectiva transdisciplinar e, ao tratar da temática da Educação Ambiental (SOARES, 2011b), evidencia-se como um conceito que precisa ser mais difundido, pois trará muitas contribuições para o campo da EA por meio da Educomunicação Socioambiental.

Material e métodos

No campo da produção científica da educação há crescente interesse pela análise de conteúdo como técnica de análise de dados, que vem tendo destaque entre os métodos qualitativos (TOZONI-REIS, 2009). A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise que visam obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens (BARDIN, 2011, p.48).

Diante dos trabalhos disponíveis nos Anais dos XIV e XV EPEA foi empregada a metodologia de análise de conteúdo, apresentada por Bardin (2011), que ancorou o desenvolvimento da análise, seguida por três

etapas básicas:

1) Pré-análise: consistiu na organização dos documentos dos dois eventos, seguida da leitura fluente, que contribuiu para sistematizar as ideias iniciais, conhecer os textos e elaborar esquema preliminar de trabalho (Tabela 1).

2) Exploração do material: os resumos expandidos foram lidos com maior atenção e decompostos, o que implicou maior imersão e melhor expressão da significação do conteúdo.

3) Tratamento dos resultados, interferência e interpretação: a intenção foi a de aprofundar a análise a partir dos objetivos e hipóteses definidos, durante o planejamento da pesquisa, considerando o conhecimento teórico sobre Educomunicação.

Resultados e discussão

Foram analisados os quatro trabalhos do XIV EPEA (Tabela 2) e os cinco trabalhos do XV EPEA (Tabela 3) apresentados em comunicação oral no eixo temático *Educação Ambiental, Mídias e Educomunicação*. Para tal análise foram consideradas as categorias: objetivos do trabalho; conceito de Educomunicação utilizado; produtos educacionais utilizados ou propostos pelos

Tabela 1 - Eventos analisados, ano, cidade, instituição responsável e quantidade de trabalhos apresentados no Eixo Temático Educação Ambiental, Mídias e Educomunicação.

EPEA – ANO	Cidade/ Instituição Responsável	Eixo Temático	Número de trabalhos (sessão oral)
XIV – 2013	Cascavel/UNIOESTE	Educação Ambiental, Mídias e Educomunicação	5
XV – 2015	Guarapuava/UNICENTRO	Educação Ambiental, Mídias e Educomunicação	4

Fonte: Autores (2017).

Tabela 2 - Resumo dos dados obtidos com a categorização dos trabalhos do eixo temático Educação Ambiental, Mídia e Educação para a partir das consultas aos quatro trabalhos apresentados no XVEPEA.

Nº	Objetivos/Intenções	Conceito de Educação (EDC)	Produtos educacionais	Público envolvido ou proposto	Contribuições do trabalho para o campo da E.A
1	Emprego de técnicas de EDC Socioambiental para levar conhecimentos a moradores da zona rural (propostas).	EDC com o papel de educar por meio da mídia e dos meios de comunicação.	Vídeos, textos, folders e cadernos técnicos.	Moradores da zona rural	O trabalho apontou propostas de uso da EDC para os projetos de um Laboratório de Meio Ambiente.
2	Peças educacionais como estratégia de abordagem da E.A no ambiente escolar (propostas).	EDC foi considerada como um campo emergente, formado a partir de dois campos já consolidados, o da Educação e o da Comunicação.	Ca demo ilustrativo, video documentário.	Professores do ensino básico e alunos bolsistas do PIBID.	A escolha de temas geradores locais e da produção de peças educacionais colaborativas foi considerada como uma alternativa metodológica propícia para a abordagem da E.A Crítica.
3	Literatura de cordel e seu potencial como meio de comunicação.	Não apresentaram conceito de EDC. Utilizaram o conceito de "folk comunicação" e a literatura de cordel como veículo de comunicação.	Literatura de cordel	Alunos e sociedade em geral	A literatura de cordel, como meio de comunicação, é uma manifestação de fatos e opiniões do cotidiano das classes excluídas.
4	Oficina de EDC Socioambiental	Considera-se a EDC como sendo uma prática social de expressão, tendo como objetivos a produção e a geração da comunicação participativa.	Programas de rádio preparados pelos participantes (durante oficinas).	Jovens de 14 a 17 anos.	As experiências e vivências proporcionadas pelas oficinas possibilitaram visões críticas dos problemas socioambientais locais, permitindo, assim, a elaboração e divulgação do conteúdo aprendido.

Fonte: Autores (2017).

Tabela 3 - Resumo dos dados obtidos com a categorização dos trabalhos do eixo temático Educação Ambiental, Mídia e Educomunicação a partir da consulta aos cinco trabalhos apresentados no XIV EPEA. .

Nº	Objetivos/Intenções	Conceito de Educomunicação (EDC)	Produtos educacionais	Público envolvido ou proposto	Contribuições do trabalho para o campo da EA
5	Formação de comunicadores comunitários e produção de conteúdo educacional.	A EDC foi considerada como sendo um processo de comunicação com intencionalidade educacional, que expressa e envolve a produção e a gestão da informação nos meios de comunicação.	Conteúdos para serem veiculados na Web Rádio Água.	Comunicadores comunitários	O diálogo entre a EDC e a EA possibilita a utilização de metodologias e instrumentos capazes de contribuir com o exercício de cidadania, permitindo pesquisar e entender as questões socioambientais, produzir conhecimentos e divulgá-los.
6	Produção de peça educacional e percepção dos alunos de um curso de graduação.	Não houve esclarecimentos sobre o conceito de educação. O trabalho realizou a abordagem sobre meios de comunicação e mídia.	Programa televisivo.	Estudantes de Administração.	O projeto tem possibilitado aos alunos o desenvolvimento de competências que integram os campos de conhecimento da comunicação e do meio ambiente.
7	Avaliação das experiências vivenciadas pelos alunos participantes de um programa televisivo.	Abordagem sobre meios de comunicação.	Programa televisivo.	Estudantes de Administração.	Os alunos participantes conseguiram desenvolver, principalmente, habilidades de comunicação, e ampliaram seu interesse pela pesquisa ambiental.
8	Ética e EA para o consumo de produtos de origem animal.	Menciona a EDC sem apresentar conceitos sobre o tema. Não foi possível entender o contexto do trabalho.	Apresentaram propostas de produção de produtos com mais sustentabilidade.	Público em geral.	Autores entendem que através da EA, para toda a sociedade, por meio da EDC, é possível transformar hábitos, conscientizar para o consumo, etc.
9	Proposta de empregar desenho animado como um recurso para a aprendizagem de questões ambientais.	Não foi apresentado conceito de EDC, tendo sido utilizado apenas o conceito de mídias.	Recurso audiovisual (desenho e quadros).	Crianças e adolescentes.	Episódios abordam situações cotidianas e apresentam atitudes simples que devem ser tomadas por todos em relação ao meio ambiente. Para os autores os desenhos são melhor entendidos pelas crianças, o que pode favorecer atitudes mais corretas do ponto de vista ambiental.

Fonte: Autores (2017).

Percepções sobre a utilização do conceito de Educomunicação

Cinco trabalhos apresentaram o conceito de Educomunicação como um campo de aproximação entre os campos da Educação e da Comunicação, deste total dois destacaram a Educomunicação Socioambiental. Um dos trabalhos apenas mencionou a Educomunicação sem apresentar conceitos. Dois trabalhos empregaram somente o conceito de mídias e um dos trabalhos abordou os meios de comunicação e as mídias. Um dos trabalhos apresentados citava apenas meios de comunicação.

A categorização realizada evidencia que poucos trabalhos contemplaram realmente conceitos de Educomunicação. A partir da avaliação dos trabalhos apresentados, evidencia-se que esse conceito precisa ser mais difundido pois trará muitas contribuições para o campo da EA.

Produtos educucomunicativos

Os trabalhos apresentaram diversos produtos, tais como: vídeos, folderes, cadernos técnicos, caderno ilustrativo, videodocumentário, literatura de cordel, programas de rádio, Web Rádio Água, programa televisivo, recurso audiovisual, desenhos e quadrinhos.

Verificou-se que apenas nos trabalhos 4, 5 e 6 os produtos educucomunicativos foram construídos de forma coletiva, possibilitando o protagonismo dos participantes. O trabalho 2, realizado a partir de uma pesquisa participativa, apresentou uma proposta para o desenvolvimento de dois tipos de

produtos, o videodocumentário e os cadernos ilustrativos; enquanto que os trabalhos 3, 7, 8 e 9 utilizaram produtos prontos (literatura de cordel, programa televisivo, sites, notícias e desenho animado) como instrumentos de comunicação para a Educação Ambiental.

O documento do Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2008) ressalta que “a Educomunicação corresponde ao movimento de gestão participativa dos meios de comunicação, à democratização dos sistemas e a defesa do direito à comunicação”. Para a produção de produtos educucomunicativos é importante considerar metodologias participativas, incentivando, assim, o protagonismo. Para Barcelos (2008, p.99), “o objetivo principal não é mais o de construir verdades e conceitos petrificados, mas sim estabelecer um diálogo entre os(as) participantes, procurando contemplar, ao máximo possível, a diversidade de opiniões, crenças, valores”. E, a partir do diálogo estabelecido, os conhecimentos podem ser compartilhados, e, dessa forma, as pessoas não só leem cartilhas, manuais, jornais, ouvem o rádio e assistem a televisão, mas também produzem cartilhas, manuais, jornal, conteúdos para rádio e televisão. Com metodologias participativas abre-se a possibilidade de os participantes tanto ouvirem quanto serem ouvidos, o que é fundamental para o desenvolvimento da cidadania. Isso vem ao encontro da fala de Ismar Soares (2011b, p. 89), que diz que “mais do que os conteúdos alcançados, são importantes as maneiras como estes foram processados”.

Para Trajber (2005, p.153) é preciso “ir além da fala e da escrita, experimentando as linguagens da imagem, do som e do movimento em suas integrações com o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação, principalmente a Internet”. A Educomunicação comporta instrumentos e ferramentas que propiciam o desenvolvimento de várias atividades, no entanto, como ressalta Soares (2011a, p. 18), o mais importante é o “tipo de mediação que essa ferramenta (instrumento) pode favorecer no sentido de ampliar os diálogos sociais e educativos”.

Público envolvido ou proposto

Nos trabalhos avaliados, tanto na produção, quanto na recepção, o público envolvido (ou proposto) é diverso, desde crianças, jovens, estudantes, professores, técnicos, comunicadores comunitários até a sociedade em geral. O que está de acordo com o cumprimento de um dos princípios da Educomunicação, que é o “compromisso com a democratização da comunicação e com a acessibilidade à informação socioambiental”(BRASIL,2008).

A Educomunicação pode ser levada para fora dos muros das instituições de ensino, conforme ocorre, por exemplo, no trabalho 1, que apontou propostas de uso da educomunicação ambiental para os projetos de um Laboratório de Meio Ambiente e apresentava a proposta de levar informações e conhecimento sobre questões ambientais aos moradores da zona rural.

Também destacamos os trabalhos 6 e 7, que

consideram a percepção e avaliação de alunos sobre programas veiculados em canal de TV. O processo de avaliar a comunicação a partir da recepção possibilita, no campo da Educomunicação, a desconstrução de discursos que atendem principalmente aos interesses do mercado, buscando compreender a Comunicação como interação social (FIGARO, 2009). Além disso, o campo da Educomunicação também tem sua contribuição para a formação de novas gerações de profissionais das áreas da educação, tecnologia, cultura e meio ambiente (SOARES, 2015).

Contribuições para a Educação Ambiental

Todos os trabalhos apresentados mostraram contribuições para a promoção e potencialização da EA. Nessa mesma perspectiva, Loureiro (2012, p.12) afirma que a EA pode ser compreendida como um “instrumento de transformação social” e argumenta sobre a necessidade de se “efetuar uma ação educativa plena, integral e articulada a outras esferas da vida social para que se consolidem iniciativas capazes de mudar o modelo contemporâneo de sociedade”.

Para o desenvolvimento da EA há necessidade de se rever as práticas pedagógicas, visando uma maior participação dos sujeitos que se inscrevem dentro de um processo que estimula a reconstrução coletiva e a reapropriação do saber (LEFF, 2008). A articulação da EA e da Educomunicação tem o potencial de contribuir para a formação do cidadão crítico, aproveitando

o potencial das novas tecnologias e mídias para a construção coletiva e para o desenvolvimento do protagonismo numa perspectiva transformadora e emancipatória.

Necessitamos fomentar a área, buscando na ação pedagógica a elaboração de novos modelos didáticos, capazes de promover diferentes tipos de aprendizagem e estimular novos comportamentos em relação ao contexto socioambiental, e, nesse sentido, a Educomunicação pode ser empregada como ferramenta de grande valor.

Considerações finais

A Educomunicação tem se manifestado com um grande potencial para promover processos educativos e participativos que possam estimular mudanças na sociedade e, com relação à urgência da questão ambiental, pode contribuir com o desenvolvimento de competências de ação

responsável, começando pelo nível local, mas com possibilidade de inserir-se na dimensão global.

Os resultados desta pesquisa mostraram que houve um reduzido número de trabalhos, em cada EPEA, para este eixo (inferior a 45). Já a diversidade dos assuntos apresentados pode ser atribuída à abrangência do próprio eixo temático, sendo que alguns trabalhos se detiveram nas mídias (web, impressa, audiovisual e outras), sem contemplar, de fato, as possibilidades do campo da Educomunicação para a Educação Ambiental.

O conjunto de dados levantados possibilitou vislumbrar que há necessidade de ampliar as reflexões sobre o potencial do campo da Educomunicação, especialmente para a Educação Ambiental, incentivando, assim, o desenvolvimento de maior número de pesquisas entrelaçando esses dois importantes campos de pesquisa.

Referências

BACCEGA, M. A. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p.31-41.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1 ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011. 279p.

BRASIL. Lei n.º 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 27 de abril de 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm. Acesso em: 21 de janeiro de 2016.

_____. **Programa Nacional de Educação Ambiental**. Ministério do Meio Ambiente (ProNEA). Departamento de Educação Ambiental; Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental. – 3 ed – Brasília: MMA, DF, 2005. Disponível em:

<http://www.mma.gov.br/estruturas/educaamb/arquivos/pronea3.pdf>. Acesso em: 21 de janeiro de 2016.

_____. **Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, MMA, 2008. 50p. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/educação-ambiental/educomunicação.pdf>. Acesso em: 02 de maio de 2016.

CARIDE, J. A. G.; MEIRA, P. A. C. Los viejos y nuevos tiempos educativos. **Cuadernos de Pedagogía**. n.349, p.48-52, 2005.

CITELLI, A. O. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p.59-76.

FÍGARO, R. Intramuros e extramuros: a aventura do conhecimento. **Comunicação & Educação**, São Paulo: CCA-ECA-USP, ano XIV, n.2, p.7-14, 2009.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 93 p.

JACOBI, P. R. Educar para a sustentabilidade: complexidade, reflexividade, desafios. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 233-250, 2005.

LEFF, E. Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. In: REIGOTA, M. (Org). **Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão**. 3. ed. Petrópolis: DP, 2008. p.97-112.

LEFF, E. Campo controversial y en incesante construcción (Entrevista). In: ORTEGA, M. A. A. **La construcción del campo de la educación ambiental: análisis, biografías y futuros posibles**. Guadalajara-Jalisco: Editorial Universitaria, 2012. p.41-49.

LOPES, M. I. V. Pesquisa de recepção e Educação para os Meios. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p.43-51.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2012. 165p.

MORAN, J. **As mídias na educação**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2007. 134p.

MORALES, A. G. **A Formação do Educador Ambiental: reflexões, Possibilidades e Constatações**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009. 203p.

REIGOTA, M. **A Floresta e a Escola: por uma educação ambiental pós-moderna**, 4.ed. São Paulo:

Cortez,2011.174p.

SATO, M. **Educação Ambiental**. 1.ed. São Paulo: Rima 2003. 108p.

SAUVÉ, L. La educación ambiental como acto político y de responsabilidad social. (Entrevista). In: ORTEGA, M. A. A. (Org.) **La construcción del campo de la educación ambiental: análisis, biografías y futuros posibles**. Guadalajara-Jalisco: Editorial Universitaria, 2012. p.83-88.

SOARES, I. O. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C (OrgS.). **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011a. p.13-29.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011b. 102p.

_____. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP, v.19, p.15-26, 2014.

_____. A Educomunicação em diálogo com as Tecnologias na Educação Básica. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP, v.20, n.2, p.7-14, 2015.

TASSARA, E. **Dicionário Socioambiental: Ideias, definições e conceitos**. São Paulo: FAART, 2008. 208p.

TORALES, M. A. A Inserção da educação ambiental nos Currículos Escolares e o Papel dos Professores: da ação escolar a ação educativa-comunitária como compromisso político-ideológico. **Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**. v. Especial, p.1-17, 2013.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da Pesquisa**. 2.ed. Curitiba: ISDE, 2009. 136p.

TRAJBER, R. Educomunicação para coletivos educadores. In: FERRARO-JÚNIOR, L.A.(Org.): **Encontros e caminhos: formação de educadoras (ES) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente – MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 149-158.

VALÉRIO, A. C. **Educomunicação: interfaces entre televisão e educação**. 141f. 2012. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação strictu sensu em Educação – PPGE, área de concentração Sociedade, Estado e Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, PR, 2012.